

Um lugar de encontro entre o homem e os deuses

*O local por excelência,
onde tem lugar o contacto
entre homens e deuses
é o templo.
Ou seja, a Casa,
em acádico bitum;
a propriedade do deus,
o Seu lar,
o lugar onde a divindade
está fisicamente presente
e assegura a felicidade
à cidade
e aos seus habitantes.
A diferença essencial
entre um templo
e uma casa vulgar,
encontra-se no estatuto
do seu proprietário,
um deus ou um mortal.
No templo,
o deus estava vivo
e era senhor de tudo.*

**António Ramos
dos Santos**

*Instituto Oriental
da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa*

Por entre os escombros das antigas cidades edificadas ao longo do Tigre e do Eufrates localizam-se sítios arqueológicos onde se realizavam hinos e orações aos deuses.

Na nossa memória colectiva ficou gravada para sempre um dos símbolos da religiosidade dos povos que habitavam esses longínquos lugares – a torre-templo mesopotâmica.

À procura das origens

A *zigurate* é um dos monumentos mais característicos e mais espectaculares da arquitectura religiosa mesopotâmica. O seu nome deriva do verbo *zaqâru* que significa *construir em altura*. Os mesopotâmios designavam desta maneira as torres por andares em cujos topos se construía os santuários. A sua origem é controversa. Segundo André Parrot, a *zigurate* procedia dos templos de terraço. Desde o IV milénio, numerosos templos foram erguidos sobre altos terraços artificiais¹, os quais teriam sido concebidos para que as habitações dos deuses ficassem ao abrigo das inundações. A raridade deste tipo de arquitectura obriga a dar primazia a uma explicação de carácter místico ou religioso. Parrot cons-

¹ Em Uruk, Eridu, Obeid perto de Ur, Khafaje, Tell Brak, no Norte da Mesopotâmia, e Uqair a cerca de sessenta quilómetros de Bagdade.

tatou que desde o fim do IV milénio e o início do milénio seguinte, se acentuou a elevação, vendo-se uma nova etapa na torre por andares no templo de Uqair onde o santuário é erguido sobre um segundo terraço em detrimento da plataforma principal².

Unger definiu três grandes tipos de *zigurates* que contudo possuíam algumas exceções: tipo sumério, rectângular na base com o acesso assegurado através de escadas, que encontramos no sul da Mesopotâmia³; tipo assírio de base quadrada e rampas de acesso que evoluem em torno do monumento⁴, situados no norte da Mesopotâmia; e o tipo misto ou combinado, de base quadrada, mas cujo acesso se faz através de escadas nos andares inferiores e por rampas nos andares superiores, sendo o mais notável dos monumentos deste tipo a grande *zigurate* de Babilónia⁵. Parece que a *zigurate* era coroada por uma pequena capela onde habitaria a divindade, o que transparece nos nomes dados a algumas delas⁶. Pensava-se que o deus que habitava este pequeno templo poderia descer ao nível dos homens, na base da *zigurate* onde geralmente era construído o templo principal do deus a quem o *temenos* era consagrado. A questão das relações entre o santuário do topo e templo inferior não pode deixar de se colocar, se bem que de acordo com as numerosas representações que possuímos de *zigurates* não existe menção a este tipo de monumento⁷.

Isto significaria que apenas alguns deuses tinham direito a um santuário erguido? Tal torna-se viável porque nesse santuário tinha lugar a hierogamia, união mística do deus e a deusa feminina que era sua dupla e sua esposa, rito que não era próprio senão para algumas divindades que possuíam caracteres celestes e terrestres marcados e podiam tornar-se símbolos da união da terra e do céu.

Cada cidade possuía várias *zigurates*⁸. Dezasseis *zigurates* foram descobertas até aos nossos dias mas os textos mencionam outras na cidade de Agade, por exemplo, que não foram até ao momento reencontradas⁹. Ainda não foi encontrada uma *zigurate/ziqqurat*, ou torre-templo, completa mas os vestígios trazidos à luz do dia e as raras descrições da Antiguidade permitiram contudo reconstituir o seu aspecto geral. As torres-templo eram constituídas por uma sobreposição de terraços de tamanho decres-

² Alguns autores, como O.E. Ravn, colocam em causa esta evolução, e M. Lambert e o padre Tournay sustentavam o desenvolvimento paralelo das duas concepções, o templo sobre um terraço foi construído após a aparição da *zigurate*. De acordo com H. Lenzen estas duas concepções opunham-se entre si.

³ Em Ur, Nippur e Uruk.

⁴ As de Kalakh, Assur e Khorsabad. Este tipo encontra-se ainda no sul, em Eridu, Adab e Hamman.

⁵ A estes três tipos Parrot juntou o do santuário sobre um alto terraço que, na realidade, não é uma *zigurate*. Foram propostas várias interpretações da *zigurate*: túmulo de um rei ou de um deus, hipótese não sustentada por qualquer prova arqueológica, mas fundamentada pela relação estabelecida nos textos cuneiformes entre a *zigurate* e o *gigunu*, termo obscuro que, segundo alguns autores, designaria não só um túmulo, mas também um santuário construído sobre o topo, monumento simbólico e cosmológico.

⁶ *Casa erguida de Zababa e de Inninna cuja cabeça é alta como o céu* em Kish, *Casa do rei conselheiro da equidade* em Ur, *Casa dos sete caminhos do céu e da terra* em Borsippa. A função intermediária entre o céu e a terra é também notada em alguns dos seus nomes: *Casa da ligação do Céu e da Terra*, em Larsa, *Casa do fundamento do Céu e da Terra*, em Babilónia; *Casa da Montanha do Universo* em Assur.

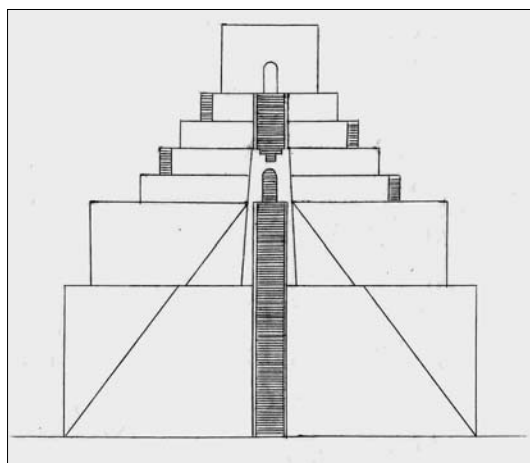
⁷ Cilindros- selos, *kuḍurrus* e relevos mesopotâmicos que enumeram *zigurates*.

⁸ A. Parrot catalogou 33 *zigurates* em 27 cidades, mas incluiu o santuário de El-Obeid e os de Khafajé e Uqair. Devendo-se juntar as duas *zigurates* iranianas de Choga-Zanbil e de Susa, esta última conhecida através de documentos epigráficos e de representações figurativas. Aqui os autores divergem porquanto Corinne Castel considera o sítio de Choga Zanbil como estando na região de Susa, em contrapartida Guy Ratchet considera a existência de duas, uma em Susa e outra em Choga Zanbil. Cf. Guy Ratchet, «Zigurrat», em *Dictionnaire de L'Archéologie*, Paris, Robert Laffont, 1983, pp. 1034-1036.

⁹ Cf. Corinne Castel, «Zigurrat» em Francis Joannès (ed.), *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, Paris, Robert Laffont, 2001, pp. 918- 919.

cente que formavam um monumento pesado e amplo. Elas podem ser de planta quadrada ou retangular, como já foi referido, e tinham dimensões que variavam aproximadamente de 30 a 60 metros de lado por uma altura que se estima de 40 a 100 metros. As *zigurates* eram contruídas em bases sobrepostas de tijolos crus, entre os quais se intercalavam em intervalos regulares, camadas de caniços entrecruzados e, por vezes, fixações de barços de canas entrelaçadas que reforçavam a coesão interna e a solidez da construção inseridas num encarceramento exterior de tijolos ornamentados de pilastras e de saliências, as quais podiam ser revestidas de uma camada de betume. Acedia-se ao topo através de escadas monumentais ou de rampas colocadas perpendicularmente à fachada ou pegadas ao monumento. Os escoamentos das goteiras eram verticais em tijolos cozidos e evacuavam as águas pluviais provenientes dos andares superiores.

Uma das mais antigas, senão a mais antiga é a de Ur, se, como sugeriu Wooley, a primeira construção remontar à época da primeira dinastia de Ur, ou seja, à primeira metade do III milénio. O monumento, que foi em parte restaurado pelos arqueólogos britânicos e que permanece um dos monumentos mais impressionantes da Mesopotâmia, é o da época da III dinastia, no final do III milénio. Um dos mais recentes é o de Marduk em Babilónia, construído no reinado de Nabucodonosor II, no início do século VI. A maior parte das *zigurates* assírias datam da época neo-assíria, que se estende pelos quatro primeiros séculos do I milénio.



Esquema de uma *ziguarte*

A casa dos deuses

Durante o III milénio, os Sumérios estabeleceram uma civilização urbana, com casas bem planificadas, construídas de pedra, e templos com um grande pátio flanqueado em cada lado por pequenas habitações. Existiu, poderíamos afirmar, uma preocupação urbanística¹⁰.

¹⁰ Ver Henri Frankfort, *Arte y Arquitectura del Oriente Antigo*, Madrid, Ed. Cátedra, 1970, p. 114.

Era na Mesopotâmia, e particularmente em Sumer, que se encontravam os mais antigos templos. Em Eridu e Uruk eles remontam às épocas de Obeid e de Uruk, ou seja, aos V e IV milénios a.C. As mais antigas *zigurates* conhecidas devem-se ao primeiro rei da III dinastia de Ur¹¹, denominado Ur-Nammu (2112-2095 a.C.). Os seus sucessores não pararam de construir novas torres, uma por cada cidade importante devotada ao *Senhor do País*, o deus tutelar da cidade. Esta tradição testemunha uma política de grandes trabalhos por parte dos soberanos mesopotâmicos¹², e é bem atestada até à queda de Babilónia em 539 a.C.¹³ A fundação de uma cidade por qualquer um dos povos históricos primitivos era sempre precedida e acompanhada por cerimónias religiosas devido a que a cidade era uma criação divina feita para os humanos¹⁴.

No período de Obeid, encontramos já templos importantes como o de Tell Brak. Este era um santuário rectangular, situado na grande colina de Brak, no Vale de Khabur na Síria Oriental, no final da rota caravaneira que se dirigia para Jabal Sinjar. Mallowan aí encontrou uma série de quatro templos pertencentes à época de Djemdet Nasr. Denominou-os de “Templo do Olho”, pois num deles encontrou gravados olhos abertos numa grande quantidade de figurinhas de alabastro branco e negro.

O *Templo do Olho* estava dividido em duas salas com paredes de tijolo cru branqueadas, flanqueando um santuário de 19 metros de largura por 7 metros de longo; com duas entradas a norte e um altar de argila contíguo à metade do muro sul, a frente decorada com um friso de ouro e, as paredes com rosetas de pedra e painéis de cobre¹⁵. Foi erguido por cima de uma plataforma de tijolo cru, à qual se chegava através de uma rampa ou escadaria, podendo a habitação existente no lado oriental, ter sido a capela de uma divindade secundária¹⁶.

Por sua vez, em Eridu encontra-se o santuário de Ea, denominado originariamente de Enki, *Senhor da Terra*. Este estava enquadrado, numa sobreposição de sucessivos edifícios sagrados, os quais devem ter tido origem nas pequenas capelas quadradas situadas numa plataforma e construídos de tijolo cru, nos finais do período de Obeid.

Nas mais antigas cidades mesopotâmicas anteriores à chegada dos Sumérios, Muallafat e Jarmo, que o carbono 14 permitiu datar de cerca de 5 000 a. C., os primeiros rudimentos de manifestações artísticas colocaram a sua inspiração numa crença reli-

¹¹ A *zigurate* de Ur é uma das mais bem conservadas da Mesopotâmia e tinha originalmente três andares, a de Borsippa e a de Babilónia contavam com sete, número de valor simbólico para os babilónios.

¹² Com efeito, os primeiros edifícios culturais claramente identificáveis foram construídos sobre terraços. Por volta de 5000 a.C. construíu-se em Eridu, em Sumer, templos sobre plataformas. Altos terraços são associados a um grande número de templos sírios. É possível uma filiação entre estes dois tipos de construção, altos terraços e *zigurates* mesmo se as torres de andares parecem uma fórmula mais propriamente suméria do que os terraços.

¹³ Pode-se afirmar que as diferenças entre as civilizações antigas se devem, em grande parte, a condicionantes ambientais. Apesar de a Mesopotâmia ter um conjunto climático mais adverso do que o Vale do Nilo, aí se desenvolveram duas grandes civilizações: a suméria e a semita. Estas mais do que quaisquer outras são essencialmente complementares. Assimilação e mescla cultural são questões fulcrais a ter em consideração no estudo destas civilizações. Mesmo quando as relacionamos com regiões periféricas como a Anatólia e a Síria.

¹⁴ Ver Antonio Garcia y Bellido, *Urbanística de las Grandes Ciudades del Mundo Antiguo*, Madrid, Instituto Español de Arqueología, C.S.C.I., 2.ª ed., 1985, p. XXVI.

¹⁵ Cf. M. E. L. Mallowan, *Mesopotâmia e Irão*, Lisboa, Verbo, 1971, p.46. A estrutura assemelha-se à do chamado *Templo Branco* de Uruk, adaptando-se no geral à dos santuários contemporâneos da Mesopotâmia Meridional.

¹⁶ Cf. E. O. James, *El Templo (de la caverna a la catedral)*, Madrid, Ed. Guadarrama, 1966, p. 123.

giosa mostrando desta feita a arte e a religião indissoluvelmente unidas desde as origens, até ao final da longa aventura mesopotâmica.

No extremo sul, Eridu, a cidade de Enki com os seus santuários sobrepostos, facto ímpar na arqueologia, permite-nos falar de uma arquitectura sagrada¹⁷.

Estes protótipos dos templos mais tardios tornam a aparecer em Tepe Gawra, perto de Nínive, no caminho caravaneiro para o Irão, e em Uruk, na margem oriental do antigo curso do Eufrates, onde se escavaram os restos de três templos sobrepostos sobre a colina da *zigurate* de Anu. O mais antigo, conhecido por *Templo Branco*, pertencente ao final do período de Djemdet-Nasr, elevava-se sobre um alto terraço sob de uma colina de escombros.

Assente numa fundação de calcário, estava um edifício ainda mais imponente, o *Templo Vermelho*, assim denominado devido às suas paredes pintadas de vermelho, à semelhança de Tepe Gawra.

Anu, deus dos céus, cabeça do panteão sumério e depois babilónico, era adorado num templo que cobria uma área de 126 000 metros quadrados, situado numa colina artificial de 12 metros de altura, dominando a região circundante. Tal edifício representava o exemplo mais antigo de torre-templo ou *zigurate*, a qual se apresenta como o traço mais característico de muitos santuários mesopotâmicos.

A gigantesca torre do templo de Marduk, em Babilónia, foi completamente destruída, contudo a de Ur permanece, somente sem o oratório no seu topo¹⁸. Debaixo do terraço da *zigurate* da primeira dinastia está uma estrutura mais antiga e menor, de carácter similar, como em Obeid, com um muro de contenção e numerosas câmaras do lado noroeste.

O templo de Tell Uqair, no Eufrates a 80 km a sul de Bagdade, possui uma planta e dimensões idênticas, contudo está erguido numa colina que se eleva apenas seis metros sobre o nível da planície.

Quando os Sumérios se estabeleceram nas planícies e margens aluviais do vale do Eufrates, viram-se obrigados a erguer as suas construções acima do nível da água, contra as inundações periódicas. À parte desta necessidade prática, sendo alegadamente originários das montanhas, os Sumérios estavam acostumados a adorar os seus deuses num santuário erguido sobre colinas. Continuaram essa tradição ao situarem os seus templos em elevações e plataformas, dando à *zigurate* uma considerável elevação, símbolo da montanha mítica do mundo¹⁹. Pode-se considerar que, no princípio, uma sala alargada, com um nicho para a estátua do deus a quem estava dedicado e, com a incorporação de uma ou duas habitações para uso do sacerdote, eram suficientes para a prática do culto prescrito.

Dado que o templo muitas vezes era considerado como tumba do deus a cuja honra foi erguido, não é provável, à falta de outras referências a um modelo primitivo estabelecido na criação, que as tumbas fossem protótipos dos templos, como no Egipto, especialmente no caso de deuses que haviam sido venerados como heróis²⁰.

¹⁷ Ver Julien Ries, *Le Sacré comme Approche de Dieu et comme Ressource de l'Homme*, Louvain-La-Neuve, Centre d'Histoire des Religions, 1983, p. 56.

¹⁸ Acerca do conceito de Templo, ver Guy Rachtel, *o.c.*, pp. 908-913 e Corinne Castel, *o.c.*, pp. 838-841. Sobre a *casa de Deus* ver Jean-Claude Margueron, *Los mesopotámicos*, Madrid, Cátedra, 1996, pp. 347-391.

¹⁹ Ver Samuel N. Kramer, *Os Sumérios*, Amadora, Livraria Bertrand, 1977, p. 137-193. Ver Gwendolyn Leick, *Mesopotamia. La Invención de la Ciudad*, Barcelona, Paidós, 2002, p. 146.

²⁰ Ver Sabatino Moscati, *L'Orient avant les Crecs*, Paris, PUF, 1963, pp. 61-62.

Contudo, qualquer que fosse a forma e função originárias, a sua construção chegou a ser assunto de suprema importância²¹. No poema épico da criação geralmente denominado *Enuma elish*, quando Marduk derrotou e destruiu Tiamat e as forças do caos, os restantes deuses demonstraram a sua gratidão para com ele construindo-lhe um santuário²².

Igualmente, o primeiro dever dos reis era o de construir, atribuir uma renda perpétua e embelezar um templo em reconhecimento dos serviços concedidos pelos poderes divinos. Tal facto conduziu à construção de santuários cada vez mais elaborados, com um equipamento complexo e oneroso que frequentemente revelava a sua santidade pela sua altura e designação, *a casa alta* ou *a casa da montanha brilhante*²³.

A monotonia das grandes torres, dedicadas ao deus patrono, suavizava-se face aos frisos coloridos com que eram decoradas. A *zigurate* de Borsippa (Birs Nimrud), edificada por Nabucodonosor II, tinha sete pisos, cada um pintado com uma tinta especial. Os sete andares da *zigurate* de Borsippa foram consagrados aos sete planetas conhecidos dos mesopotâmios e pintados cada um de uma cor simbólica diferente: negro, laranja, vermelho, branco, azul, amarelo, dourado e prateado. Parece com efeito que a *zigurate* estava coroada por uma pequena capela onde habitaria a divindade, reforçando a sua leitura simbólica como montanha cósmica; trono divino de onde a divindade governava o universo; habitação da divindade.

Borsippa, como cidade santa de Nabû, era considerada como parte integrante da Grande Babilónia e dos seus sistemas de defesas externas. A sua *Via Processional* foi repavimentada com blocos de pedra semelhantes aos usados com o mesmo propósito na própria Babilónia. O templo Ezida de Nabû foi reconstruído em duas das suas fachadas com um massivo muro ligação à sua volta. O próprio templo estava decorado com prata, ouro e pedras preciosas, e os corredores entre as capelas e os caminhos conduzentes ao templo encontravam-se cobertos por tijolos vitrificados. Nas majestosas entradas em bronze estavam inscritos os nomes e títulos de Nabucodonosor. As traves de cedro foram cobertas com ouro. Noutra local foi reconstruída a muralha da cidade e o molhe, o que proporcionava a sua protecção face ao exterior. Também o templo de Etila de Gula foi reconstruído, tal como o foram outros santuários e a *zigurate*.

Em Ur, o primeiro dos quatro pisos estava pintado de negro, o segundo de branco, o terceiro de vermelho e o quarto de azul celeste.

O uso de ladrilhos de cores tornou-se corrente em Borsippa, Nippur e em outros lugares como Ecbátana²⁴.

Obviamente, os grandes templos não ficaram reduzidos na sua existência à dimensão regional de Ur ou de Babilónia, por exemplo. Também os Assírios prestaram a maior das atenções à construção dos seus templos²⁵. Existiam templos erguidos às divindades Assur, Anu-Adad, Ishtar, entre outros, na cidade e extramuros. Perto do

²¹ Ver Henri Limet, «Les Temples des Rois Sumériens Divinisés» em *Le Temple et le Culte*, Nederlands Historisch-Archeologisch Instituut Te Istanbul, 1975, pp. 80-82. Ver Susan Pollock, *Ancient Mesopotamia*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001, pp. 45-77. Ver J. N. Postgate, *La Mesopotamia Arcaica*, Madrid, Akal, 1999, pp. 139-170.

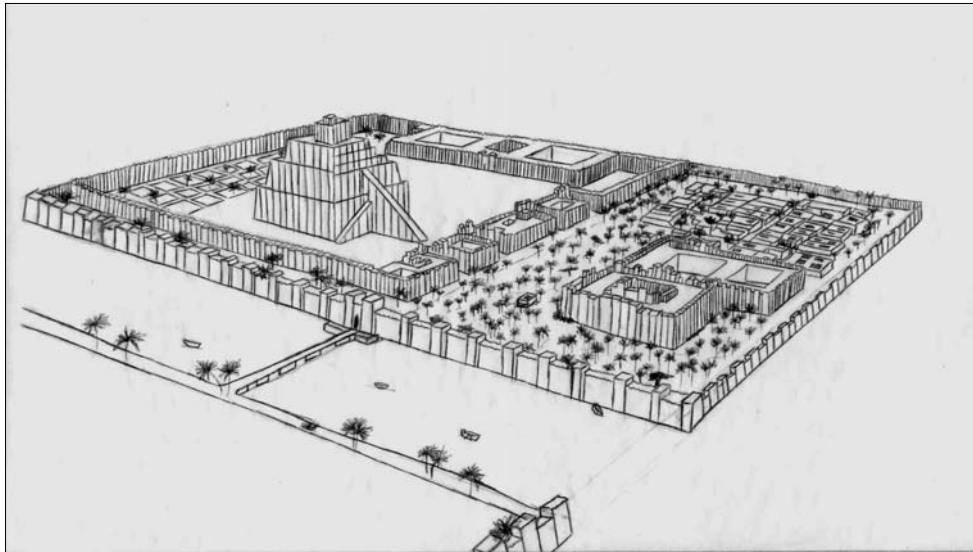
²² Ver John Gray, *Near Eastern Mythology*, Londres, The Hamlyn Publishing Group Ltd., 1975, p. 32.

²³ Ver Herbert Sauren, «Le Sacré dans les Textes Sumériens», em *L'Expression du Sacré dans les Grandes Religions-I*, Louvain-La-Neuve, Centre d'Histoire des Religions, 1978, p. 109.

²⁴ Cf. J. Hawkes, L. Wooley, *Histoire du Développement Culturel et Scientifique de l'Humanité*, (vol. I), Paris, Robert Laffont, 1979, p. 355.

²⁵ Ver Sylvie Lackenbacher, *Le Roi Bâtitteur*, Paris, Éditions Recherches sur les Civilisations, 1982.

canal, foi elevado o *Bit Akitu* do deus Assur, santuário de pórtico com arcadas e pilares onde se celebravam as festas do Ano Novo.



A Babilónia no tempo de Nabucodonosor II

A porta de ingresso

O local por excelência, onde tem lugar o contacto entre homens e deuses é o templo. Ou seja, a *Casa*, em acádico *bítum*; a propriedade do deus, o Seu lar, o lugar onde a divindade está fisicamente presente e assegura a felicidade à cidade e aos seus habitantes²⁶. A diferença essencial entre um templo e uma casa vulgar, encontra-se no estatuto do seu proprietário, um deus ou um mortal²⁷. No templo, o deus estava vivo e era senhor de tudo. Aí se cultuava uma dada divindade, mais propriamente o *Deus-Senhorio*²⁸.

O templo era a abertura de acesso ao alto, assegurador da comunicação com o mundo divino; era o espaço que delimitava os dois territórios a sua fronteira, e ao mesmo tempo simbolizava o local onde o céu e a terra se encontram – a *montanha sagrada*. Esta era a porta de ingresso que pretendia marcar uma cisão e uma solução de continuidade entre os dois mundos – o divino e o profano²⁹.

²⁶ Ver E. Sollberger, «The Temple in Babylonia», em *Le Temple et le Culte*, Leiden, Nederlands Historisch-Archeologisch Instituut Te Istanbul, 1975, p. 31-32.

²⁷ A principal função é o serviço de deus, a manutenção dos seus servidores, das suas propriedades e, ainda a organização das actividades comerciais, industriais e agrícolas realizadas pelo templo. A actividade escolar, e a respectiva propagação das artes e das ciências, parece ter sido outra função prioritária.

²⁸ Por isso, existiam templos mais complexos e outros mais simples, uns dedicados a grandes divindades outros a deuses menos importantes, como de Nuzi e Mari, o que era comum na Mesopotâmia. Ver M.E.L. MALOWAN. *o.c.*, p. 44.

²⁹ Ver J. C. Margueron, «Prolégomènes a une Étude portant sur l'Organization de L'Espace sacré en Orient», em *Temples et Sanctuaires*, Lyon, Maison de l'Orient, 1984, pp. 23-36.

A *zigurate* aparece, num contexto espacial, como essa *montanha cósmica*. Todas as cidades e os seus lugares santos são, pois, identificados aos topos das ditas montanhas. As próprias cidades mesopotâmicas se julgavam situadas no centro do mundo. Seria, pois, o lugar por onde os deuses desciam à terra.

A construção do templo, enquanto construção de um espaço sagrado, obedece a regras e técnicas em função da orientação de destaque dado ao sagrado. Baseia-se numa revelação primordial que desvendou *in illo tempore* o arquétipo de espaço sagrado, o qual foi copiado e repetido indefinidamente pela erecção de todos os novos altares, de todos os novos templos ou santuários, baseados num modelo ou arquétipo³⁰.

A *zigurate* simbolizava também uma montanha cósmica, no sentido da imagem simbólica do cosmos: os sete andares representavam os sete céus planetários; ao subí-los, o sacerdote alcançava o topo do universo³¹. Toda a *zigurate* era concebida com a intenção de obter um efeito visual quase dramático³². Esta elevava-se sobre uma alta plataforma no ângulo ocidental do *temenos*³³ área sagrada onde eram construídos o templo e o altar. No topo, erguia-se uma capela contendo um leito, um trono e a imagem do deus³⁴.

No Próximo Oriente o espaço possui uma simbologia própria e um significado particular. Às paisagens relativamente fechadas da costa, das montanhas do Taurus e do Zagros, opõem-se o infinito das estepes, dos desertos, ou ainda o da planície de aluvião do Tigre e do Eufrates. Num mundo onde o horizonte desaparece numa confusão entre o céu e a terra, numa imensidão sem fim, como poderia o homem sedentário desejar outra coisa senão o reconstruir do mundo à sua maneira?

Nesses vastos horizontes está presente a osmose entre finito e infinito. Os espaços – Sagrado e Profano – estão aí interligados; e a definição do universo religioso nesta percepção do espaço remodelado é a questão fundamental da arquitectura e do urbanismo da antiguidade.

³⁰ Ver M. Eliade, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Cosmos, 1977, pp.435-437 e Jacques Vidal, «Symboles et Symboliques» em *Symbolisme dans le Culte des Grandes Religions*, Louvain-La-Neuve, Centre d'Histoire des Religions, 1985, p. 26.

³¹ Ver Mircea Eliade, *o.c.*, p. 54.

³² Cf. Leonard Wooley, *Mésopotamie et Asie Antérieure*, Paris, Ed. Albin Michel, 1983, p. 93.

³³ Acerca do conceito de *Temenos*, ver GUY RACHET, *o.c.*, p. 907.

³⁴ Ver Sabatino Moscati, *o.c.*, p. 60.